

QUARANTA-FEIRA  
Lisboa--20 de Maio de 1931

50 ANOS  
SEMPRE  
ESTOES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

201



# sempre fiquê

semanario  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

## A semana da higiene...



A AGUA

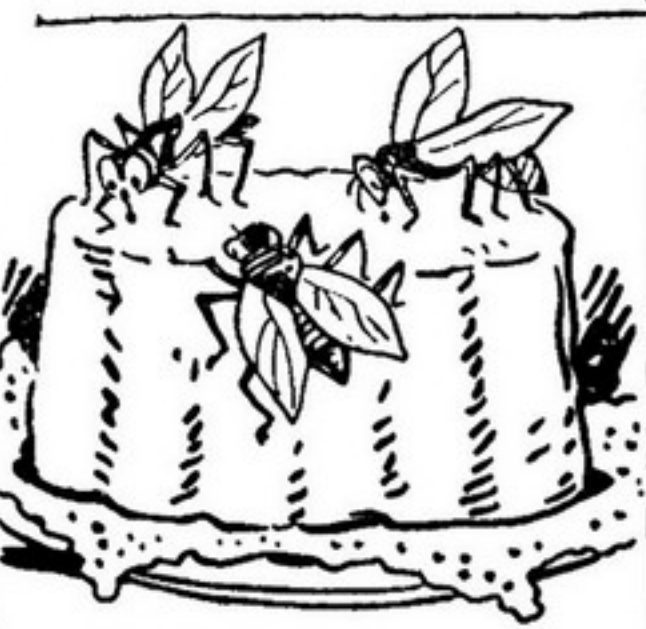


O PÃO  
(A RATAZANA TAMBEM É DE TIPO UNICO)



O LEITE

TUBERCULOSE  
A  
2.500  
O LITRO



NAS MONTRAS  
(ALÉM D'ESTA HIGIENE, MEXEM NAS MASSAS FOLHADAS COM AS MÃOS SUJAS DA MASSA DA GAVETA)



NOS ELECTRICOS  
O CUSPO  
NOS BILHETES  
(OS CONDUTORES  
VÃO PEDIR 3  
ESCUDOS DIARIOS  
PARA AJUDAS  
DE CUSPO)



NAS RUAS  
UMA LIMPEZA NA POPULAÇÃO!  
MORTOS MILHÕES TUBERCULOSOS POR ANO.

... e a falta de higiene de todas as semanas



# Os ditos da semana



## O pirolito agravado

O Terreiro do Paço tem sido um desgraçado. Primeiro colocaram-no na situação de adido, quando lhe reduziram o quadro. Porque era um tipo muito chão muito metido consigo, calou-se, resignou-se e não fugiu nem mugiu. Em seguida iluminaram-no com os modernos garratões desempalhados que a Camara inventou e deram-lhe um golpe de morte na concorrência nocturna, porque ha pessoas que fazem melhor uzo dos olhos as escuras do que ao meio dia.

Depois, rasgaram-lhe as entranhas, e puzeram lá em baixo o que dantes havia em cima.

E como se tanto martirio não bastasse, raparam-lhe os quiosques, arrumando um dos mais prosperos commercios da nossa praça, o capilé. Houve comerciante que se viu na necessidade de dar o quiosque, por não aparecer quem lho comprasse.

E agora vão pôr-lhe um collar oscilante de electricos em volta.

Talvez a coisa assim se anime.

Em dias de festa e de accumulacão de carros na Praça é de prevér que os electricos fechem a roda, voltando o Terreiro do Paço aos seus tempos aureos.

Mas nós sempre estamos com curiosidade de saber se os quiosques de capilé e pirolitos foram retirados por causa da estetica e se vai agora para lá uma barraca de expeditor dos electricos estilo, calçada da Gloria. Se assim for, lavramos desde já o nosso protesto e oportunamente promoveremos uma grande manifestação de desagravo do pirolito.

**Chic-chic** Uma carvoaria de Campo de Ourique fez distribuir pelos seus freguezes, um prospecto que merece especial registo. Transcreve-se uma passagem:

O prospecto diz: «...a carvoaria de Campo de Ourique fez distribuir pelos seus freguezes, um prospecto que merece especial registo. Transcreve-se uma passagem:»

Entregas nos domicilios por pessoal competente e atencioso.

E' tudo quanto se pode esperar duma carvoaria.

Não diz o prospecto, mas já nos consta que dentro em breve abrirá uma secção de

sedas, crepe da China e «voile» Ninon, tudo para ser distribuido por «pessoal competente e atencioso».

Já estamos daqui a vêr a scena

—Tem crepe georgele?

—Sim, Boscencia, deseja dois cortados?

**Anuncios** 7 dos nossos dedicados e amaveis leitores enviaram-nos o mesmo anuncio recortado do nosso habitual fornecedor, talvez com o receio de que ele nos escapasse.

Na verdade, era pena perder-se uma coisa tão interessante.

Diz assim o anuncio:

### DAME

Excellente jeune, instruite, sympathique, affectueuse parlant plusieurs langues, cherche a faire la connaissance d'une Dame ri-

che, gentils modernes qui puisse la choyer et lui rendre la vie agreable. Discretion absolue. Réponse á ce journal au n.º 164.

Dantes, estas coisas não se faziam por anuncio, principalmente porque sempre apparecia um homem com quem «faire la connaissance», e muito capaz de «la choyer et lui rendre la vie agreable».

Pois, querida senhora, uma «dame riche» não se arranja. Veja lá vocelencia se não se contenta com um homem pobre, porque desses temos nós um magnifico «stock» em muito bom uso e podemos enviar-lho ao domicilio tal qual como se fosse um cesto de pão ou um cabaz de holas.

Nós não queremos ser abelhudos, mas cá nos parece que vocelencia ficaria muito mais bem servida. O que eles não terão é uma tão grande abundancia de linguas—«plusieurs

langues»—como a «dame encore jeune, instruite sympathique e affectueuse» mas com uma só tambem se vive e ha coisas que os homens ainda tem mais na ponta da lingua do que as mulheres.

E vergonha?..

Agora um que tambem é bom, e nos é enviado por «Um leitor Fixe», com a seguinte carta.

Tomo a liberdade de recorrer ao Sempre Fixe, o jornal mais indicado para estas explicações, para me ajudar a decifrar o anuncio publicado no Diario de Noticias de 30 de Abril, que junto.

Não compreendo porque a fabrica do R. S. A. concerta as estrangeiras usadas, pond-as como novas, apenas com a substituição da cauda, e não pode fazer essa operação ás nacionais, quando na verdade ha por aí tanto quem precise de renovacão e que apesar de usadas se encontram ainda em bom estado e susceptivel de poderem passar por novas.

Será por patriotismo que esta fabrica se recusa a tocar em caudas nacionais ou, pelo contrario, entende que as estrangeiras usadas são mais resistentes qu as portuguesas, mesmo em invejavel estado de conservacão?—Um leitor fixe.

Vejam os anuncio.

### Raposo bom 1,50

Um cão com 2,20; os maiores que ha 18 anos se têm comprado na fabrica da R. S. A. dos Capuchos, 68 e 74, N 4031 vende a prestações, concerta-as estrangeiras usadas com cauda nova ficam boas.

Olhe, caro leitor, não ha explicação possível. E como se trata de caudas estrangeiras, deixemo-nos de andar a meter o nariz nessas coisas.

**Acácias** Nesta formosissima primavera que decorre, ha uma nota confrangedora: o raquitismo das acácias. E' ve-las por essas avenidas fóra, onde tanto abundam. Parece que não ha outras arvores para ornamentação das ruas senão aquelas magras e anquilosadas acácias que, pelos modos, não se dão bem com os ares citadinos. Pois, talvez por isso mesmo, a Camara Municipal prefere-as a todas, e esta teimosia só pode ter uma explicação:—é que as pobres acácias não fazem sombra a ninguém.

E ha tantas arvores antigas por essa cidade alem, platanos, olaias, figueiras da India e tantas outras] que dão tão boa somdral...

Da familia das acácias só o sr. Acacio de Paiva se tem aclimatado bem na capital e, emquanto ellas fazem uma fita desageitada ao longo das avenidas, o sr. Acacio de Paiva faz a fita da semana.

## PAUL-FRANZ NAMUR



Cutissimo espirito, cujo fogo sagrado ama as neves dos Alpes, M. Namur enamerou-se da nossa paisagem e da nossa gente. Excelente escritor, pintor, turista e carticaturista, o seu ingenuo patriotico e «hardi» deixou á arder—nas paginas brilhantes e vingadoras de «Les limaces sur les lauriers»,—os que fizeram da grande Guerra um balcão ignobil.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

NA festa do Erico Braga — casa cheia e muitas palmas — houve um fim de festa, onde entraram quasi todos os artistas dos teatros de Lisboa.

Chaby Pinheiro, desta vez, não recitou o «Rataplan». Limitou-se a cantar em francês, aliás com uma voz bem timbrada, que foi para muitos, uma autentica revelação.

De tal maneira que a azoagada Beatriz Costa, que tem sempre uma «piada» nos lábios, disse entusiasmada:

— O Chaby canta como um bom burlano. Já não é o Chaby, é o Chobriano.

Na festa do Erico Braga, também tomou parte no espectáculo, como colaborador do *Girasol* e rei dos *comperes* da Península, o nosso simpático amigo Carlos Leal.

Desempenhou uma pequenina parte — que até nos fez crescer agua na boca! — do *comperé* Barata, do *Zaz-Traz-Paz*.

Terminado o espectáculo, Carlos Leal teve que sair do teatro «fardado» de *comperé*... Barata.

Na rua reconheceram-no. Houve quem gritasse:

— Olha o Carlos Leal! Olha como ele vai!

Mas um transeunte mais sensato, elevando a voz, exclamou sentenciosamente:

— Deixem lá! Não digam nada ao Barata!...

■ ■ ■

DIZEM que a última peça de Virginia Vitorino é uma ida e volta... aos *Degredados*!

■ ■ ■

EM que se parece o teatro do



— Como se chama?  
— Je ne comprends pas!  
— Que diabo de nome! Se calhar é bolchevista!...

Gimnasio com um coulo de caça? E' porque tem... *lebres!*...

CONSTA que vem a Portugal a companhia «Tró-ló-ló», que está trabalhando na America do Sul.

Ora «Tró-ló-ló» para a companhia!...

■ ■ ■

O empresario José Loureiro mandou reforçar as instalações electricas do palco do Trindade

da revista *Vida Nova*, que está sendo exibida no Porto pela companhia Maria Matos — aquela virá para Lisboa.

Já não é sem tempo! Quem fera essa *Vida Nova!*...

■ ■ ■

ALGUNS revisteiros disputam violentamente o titulo *A Nossa Terra*.

## Virginia Vitorino



Depois de ida no Nacional a peça «Degredados» que fez um retumbante sucesso, V. V. apresenta-nos agora sua filha mais nova «A Volta» que depois de dar meia volta, lá entrou com o pé direito no mesmo teatro, e com o mesmo exito.

para lá poder trabalhar uma companhia de artistas pretos...

■ ■ ■

UMA noticia que vamos dar ao leitor e que pedimos que não *transpire*:

A actriz que dá actualmente o nome a uma companhia e que, no proximo inverno, vai trabalhar ao lado de Lucilia Simões, no Trindade, — é a Aura Abranches.

Agora, leitor, não digas nada a ninguem, senão para a outra vez ficas sem saber nada. Tanto como sabias antes!...

■ ■ ■

DIZ-SE que, em virtude do exito

Não tem razão, pois que a nossa terra é de todos...

■ ■ ■

NO Variedades continua com muito exito o *Verde Galo*.

Está lá uma rabula que é um autentico *Trinta e um!*...

■ ■ ■

O fatalismo do 13:  
Foi no dia 13 que, no teatro Nacional, subiu á scena a nova peça de Virginia Vitorino, *A Volta!*

■ ■ ■

DO nosso colega *Republica*:  
«A actriz Beatriz Costa, coração

sempre generoso, visitou ontem os estudantes presos, a quem distribuiu sorrisos... e bombons!...

Deve ter gasto um *dinheirão* só em sorrisos!

■ ■ ■

TAMBEM do nosso colega *Republica*:

«Dizem... que uma grande companhia de revistas, que tem feito enorme sucesso em Barcelona, virá apresentar-se num dos nossos primeiros teatros...»

Não é preciso, porque nós, certamente, já vimos essas revistas, e traduzidas em português, o que para nós é uma grande vantagem...

■ ■ ■

HA quem diga que o novo teatro do Parque Mayer se chamará *Capitolio*.

Qual ficará sendo, depois, o *Rocha Tarpeia*?...

■ ■ ■

A actriz Amelia Rey Colaco apresenta na peça de Virginia Vitorino umas lindas *toilettes*.

Terão que voltar para o guarda-roupa?

■ ■ ■

JA' ha empresa formada para explorar o Eden.

Falta só construir... o Eden para ser explorado pela empresa...

■ ■ ■

CONSTA que vai terminar a *Grise do Amor*.

Não admira! As peças acabam sempre por ser vencidas!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



O Manecas assegura que neste mundo não ha bebida mais fresca e pura do que o nosso Guaraná...

## Os dois extremos

Numa linda manhã de Abril, quando o sol espreitava por todas as janelas do oriente, dando os bons dias à gente sã daquela aldeia minhota, quando as ervas humildes dos prados se sentiam aliviar um pouco da frieza marmorea da geada nocturna, Maria do Casal, a moçoila mais alegre das da sua idade, deixava afoitamente a vida tranquila do campo, pela miragem da cidade buliçosa, que ela conhecia já, através das mentirozas contadas pelos moços que tinham prestado serviço militar.

Com o cerebro atafalhado de ilusões e confiante na amizade dos seus novos senhores, como na que disfrutava em casa de seus pais, ela aí vai como se fóra para a romaria da Senhora da Saúde, esperando trazer, em vez de enfiadas de pinhões e pulseiras de peres e maçãs, verdadeiros fios de ouro para se mostrar ufana à gente pobre da terra.

\*\*\*

Isto foi há quinze anos, e então as criadas tinham menos regalias.

O trabalho era bastante pesado e, quando um dia a mãe de Maria veio até Lisboa, encontrou a rapariga muito triste e sem aquela cor rosca que tão bem lhe ficava. Em breve se trocaram impressões e não tardou que a Maria do Casal dissesse à mãe do seu descontentamento por ter deixado a terra, na qual era uma rainha pequena.

— Mas que razão de queixa tens tu? — indagou a mãe, consternada.

— Se lhe parece! Calcule que, para poupar um vintém, mandam-me de noite buscar vinho, a pé, até à rua do Sacraficio... (queria ela dizer: rua do Crucifixo).

— Ora, mas isso não é o bastante para te amofinares.

— Mas o que é o bastante para me amofinar é que uma senhora da cidade chame nomes feios a uma criada.

— Nomes feios? — redarguiu a mãe, aflita.

— Sim, minha mãe, nomes feios e tão feios que eu nunca os tinha ouvido a ninguém. Imagine que me chamou «os dois estrebulo».

— Ai crêdo! E porque te chamou ela isso?

— Porque, diz ela que eu umas vezes faço a comida ensôssa e outras vezes lhe deito sal demais...

JOSE ABREU DO AMARAL.

## Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



Toda a facada tem cura não chegando ao coração

## Tribuna musical

O meu amigo Serafim Leite, apreciado flautista da filarmónica do Cacem e razoável contra-mestre de alfaiate, deu-me há pouco a agradável nova de que havia sido convidado pela Sociedade Musical de Harpa e Dança de Juiz de Fora, Brasil, terra onde esteve durante alguns anos como moço de um armazem de sêcos e molhados, para elaborar as bases de um acôrdo musical, a exemplo do que se fez recentemente para a unificação da lingua portuguesa.

— Se a unificação da lingua se impunha, — diz-nos o apreciado flautista — muito mais se impõe a publicação de um acôrdo musical luso-brasileiro. E' urgente unificar o toque. Sendo assim, vou-me deitar com unhas e dentes ao trabalho...

— Que irá o toque de caixa?

— Como diz. Começarei por fazer um tratado de harmonia, dualista, em musica portuguesa, com uma exposição dos dois sistemas: monista de baixo fundamental (método de Durand Alves Coelho) e dualista (Riemann, d'Indy, St. Krehl Alves Coelho).

— A seguir?

— Farei a adopção, como base do tratado, do sistema dualista, com exposição e encadeamento dos

acordes consorantes coelhanos, a que se seguirá uma larga exemplificação pratica do emprego dos acordes representativos das três funções tonais de tónica, sobre motivos da tunica de Fatima, do sr. Ruy Coelho.

— E fica por aí?

— Isso sim. Virá depois a dominante e a sub-dominante dentro da harmonia consorante, nos modos maior e menor, tudo numa harmonia dissonante natural. Sobre os acordes, tenciono fazer uma grande revolução.

— Sou todo ouvidos...

— Estabelecerei novos acordes de quinta deminuta, de setima dominante, de setima sensível, de nona dominante, novas notas de passagem e ornatos escapados, remodelando profundamente os «originaes» do sr. Alves Coelho, que tem escapado...

E prosseguindo, sempre, com o mesmo entusiasmo:

— O meu trabalho versará também a modulação. Apresentarei um quadro geral das tonalidades, obra de peso, partindo das tónicas maior e menor e indicando as relações directas ou indirectas e os graus de proximidade das «obras» do sr. Alves Coelho com os varios autores estrangeiros. Tratarei também das modulações aos tons proximos a chegar; da harmonia dissonante artificial; dos acordes da setima dos restantes graus; da setima deminuta, da sexta aumentada, da quinta diminuida.

\*\*\*

A hora ia já adeantada. O meu amigo Serafim Leite prepara-se para a despedida. Antes, porém, acrescenta:

— Finalizarei o meu trabalho com uma modificação da cifração que se faz, presentemente, pelo sistema do baixo fundamental. Embirro solenemente com os baixos. O meu trabalho conterá ainda novos exercicios de altos dados, cantos dados e de meia altura e cantos alternados, se não houver cantoneiros que cheguem. A tudo tirarei o caracter de escola escolar.

E o apreciado flautista da filarmónica do Cacem pegou no chapéu e foi-se.

RIO QUIN.

## Elevador da Gloria

No restaurant:  
O freguês: — Porque raio este cão está sempre a olhar para o meu prato?  
O criado: — Porque é nele que o animalinho come...

\*\*\*

Ele: — Cada dia te amo mais.  
Ela: — Creio que exageras!  
Ele: — Bom! Ponhamos de dois em dois dias...

\*\*\*

Num museu, vendo a «Venus de Milo»:

Ele: — E' melhor sairmos!  
Ela: — Porquê?  
Ele: — Não vês que quebraram os braços à estatua? São capazes de dizer que fomos nós...

\*\*\*

Num exame de medicina:  
O professor: — Se tivesse um caso de cirrose pulmonar, o que fazia?

O aluno: — Chamava v. ex.ª para uma consulta!

O professor: — Muito bem! Dou-lhe 20 valores...

\*\*\*

O medico: — O seu pulso bate com irregularidade. Bebe muito?  
O doente: — Sim, mas com regularidade...

\*\*\*

A mulher: — Jantaste hoje muito mal! A cosinheira esqueceu-se de fazer o teu prato predilecto. Queres um beijinho para te consolares?

O marido: — Pois, sim! Diz a ela que venha...

\*\*\*

O medico: — Seu marido precisa muito repouso. E' conveniente que ele passe um mês no Estoril.

A mulher: — Ele não pode, por causa dos negocios, mas posso ir eu em seu lugar...

\*\*\*

Meninas de hoje:  
— Não posso suportar a Geneveva!

— Nem eu! E' muito feminina!

\*\*\*

Entre amigos:  
— Hoje celebro em minha casa o jubileu da criada.

— Ha vinte e cinco anos que a tens?

— Não, mas com esta são 25 as que tive este ano...

\*\*\*

Na aldeia:  
O professor: — Porque não marda o pequenito á escola?

A mãe: — E o que vai ele ali fazer, se não sabe ler nem escrever?

\*\*\*

— Porque te zangaste com a tua noiva?

— Por causa do seu passado!  
— Descobriste nela alguma coisa de censuravel?

— Não, mas é que o seu passado é demasiado grande: 45 anos...

\*\*\*

Numa biblioteca:  
O visitante: — E' uma biblioteca admiravel! Obra de muitos anos, não é verdade?

O dono: — Não, senhor! São muitas obras de diversos autores...



— E' o meu neto: não calcula o getto que tem para o desenho; faz um Zeppelin com dois traços sem lhe faltar nada...

## Graça dos outros

Numa exposição de escultura:  
O artista: — Gosta desta estatua? E' um admiravel nú feminino!

O amator: — A estatua não me interessa, mas dou-lhe quinhentos mil réis se me disser onde vive o modelo...

\* \* \*

A mãe: — Minha filha, o teu irmãozinho está muito triste por ter quebrado a boneca. Tens que lhe perdoar!

Ela: — Se a mamã me deixa dar-lhe um estalo, perdoo-lhe tudo...

\* \* \*

Entre amigas:  
— Como conseguiste esse magnifico casaco de peles?

— Ganhei-o num concurso de natação, atravessando um golfo em três horas e meia.

— A mim basta-me chorar um quarto de hora para que o meu marido me ofereça um igual...

\* \* \*

Na rua:  
O benemerito: — Se não tem emprego, eu arranjo-lhe um!

O desempregado: — Impossivel, meu senhor, tenho que ir presidir a uma reunião de operarios sem trabalho...

\* \* \*

Explicações:  
— Uma vez mais, cavalheiro, peço-lhe que me dê uma explicação!

— E' inutil. O senhor não me entenderia. Sou professor de filosofia...

\* \* \*

No escritorio:  
— O que se passou? A tua dactilografa despediu-se?

— Despediu-se. Surpreendeu-me a beijar minha mulher...

\* \* \*

A' porta da quinta:  
— Tenho medo do seu cão! E' capaz de morder! Porque não o chama?

— Impossivel! Acabo de o comprar e não sei como se chama...

\* \* \*

A mãe, ralhando: — Não deves arrancar o cabelo a tua irmã!

O filho, desculpendo-se: — Eu não fiz mais que agarrá-lo! Ela é que o puxou...

\* \* \*

A mulher: — Para que puzeste na cave tantas garrafas vazias?

O marido: — Não tenho nenhuma ideia! Como as compro sempre cheias...

\* \* \*

— Meu pai tem que sustentar agora duas mulheres.

— Como? E' bigamo?

— Não, mas acaba de me casar...

\* \* \*

— De modo que esteve ontem na premiere da minha comedia?

— Sim, senhor! Você não notou um que aplaudia? Era eu!...

\* \* \*

— A primeira vez que lavel as mãos fiquei muito impressinado.

— Acredito, mas a segunda?

— Ah, a segunda!... A' segunda não sei o que se passará...

\* \* \*

— Quantas vezes pediste à mãe de tua mulher?

— Uma a mais!



ELA — Vou mandar lavar a tua trincheira.

ELE — Para quê?

ELA — E' que vem aí a «Semana da Higiene».

## Mulheres modernas

Eu não sei se algum dos meus leitores já aturou as caturrices de certos tipos a que se convencionou chamar «bota de elastico»? Estes individuos não são geralmente os de propecta idade, aqueles velhos do tempo da Patuleia! Nada disso! São antes homens de hoje, que não aceitam nada que tenha o cunho modernista. Conservadores em demasia, vociferam contra tudo que cheire a modernismos. Eu tenho como amigo um individuo destes.

Ha poucos dias, encontrei-o num café da Baixa, e começamos a palestrar. A conversa incidiu sobre teatro, e, palavra puxa palavra, veio á baila a fantasia do Avenida, *A Greve do Amor*.

— O' homem! Não me fale nisso!

— Então, porquê? Não gostou? — perguntei eu.

— Não gostei, nem desgostei. Ainda não vi. Posso lá admitir um modernismo desses! Uma peça feita só por mulheres.

— Mas isso não é modernismo. O amigo Gastão parece que não lê nada. Esse genero tem sido tentado desde o antigo teatro grego.

— Embora! Gregos andamos nós todos com isto! E' lá admissivel!

— Conforme!...

— Conforme é que eu não estou com o que se passa com o sexo pelado. Eu sou homem! E um homem ás direitas, e desde que me entendo que tenho ouvid odizer que a missão da mulher é outra.

— Já sei! Serem mulheres!...

— E' exactamente o que elas não querem ser. Veja lá esse outro disparate duma orquestra femenina!

— Mas não vingou.

— Felizmente. Eu é que ficava vingado se me dessem autoridade para as fazer entrar na ordem.

— O sr. Gastão parece que tem raiva ás mulheres!

— Engana-se. Aqui, onde me vê, ful pai de dez filhos. E' que ha mulheres e mulheres!

E contou-me uma historia banalissima, que justifica a sua indignação:

No segundo andar do meu predio — o Gastão reside no primeiro — ha uma casa de hospedes, onde moram duas raparigas que pensaram entrar para essa orquestra. Foi uma doidice. Um belo dia, a vizinhança do predio viu-as assustada, á janela. Não se sabe

onde partiam os seus metalicos e arripiantes duns trompetes. Averiguou-se depois que eram as pequenas que estudavam musica. E que musica aquela! Mas durou pouco tempo, felizmente! E quando toda a gente supunha que a coisa ficaria opr ali, eis que novos instrumentos vieram substituir aqueles. E depois outros surgiram a substituir estes. A explicação era simples. Não tinham ainda dado com a sua vocação musical.

Se uma tocava violino, a outra tocava flauta; se a primeira tocava o violoncelo, a segunda experimentava o cornetim; se uma executava bandoleta, a outra tocava ferrinhos. Nunca descansavam nestas formidaveis e destemperadas variações. Ou, o que era pior, nunca estavam de acôrdo.

— Nesse caso, acabaram por chegar a um acôrdo?

— Acabaram, acabaram! E de que maneira! Com um jazz-band ou lá o que é.

— O quê? As duas ao mesmo tempo?

— Sim. Levam e dia inteiro a tocar pratos... Como quer que o mundo ande direito com estes modernismos? Nunca mais! Nunca mais!

E com uma praga contra as mulheres modernas, saiu para a rua.

## Tribunais comicos

No tribunal respondem dois falsificadores de notas.

O juiz interroga um dos réus: — O senhor é acusado de, combinado com um seu colega, ter falsificado notas.

— Isso não é verdade, sr. juiz. Eu só me dedico á poesia, como v. ex.ª pode verificar nos autos.

— Mas, isso não é crime.

— Então não compreendo a razão porque uns versos que dediquei ao meu companheiro figuram no processo.

O juiz, folheando os autos, exclama:

— O réu é autor destes versos que vou ler:

*«De pés e mãos algemados  
E coração oprimido,  
Quero respirar, não posso;  
Vivo mais morto que vivo.»*

*Tinhas pena de vire: só  
E trouxeste-me contigo.  
Fala verdade, não mintas.  
Senão, sou teu inimigo.»*

*Eu por mim nada sei  
E tu nunca m'o disseste,  
Se lá fazias dinheiro  
Era porque assim quizeste.»*

\* \* \*

Responde um individuo acusado de ter praticado um importante desfalque.

Depois dum brilhante discurso, o defensor, com as lagrimas nos olhos, termina a sua oração com estas palavras:

— Srs. jurados: A' defeza, uma vez convencida em absoluto da innocencia do seu constituinte, só resta pedir a sua absolvição.

O juiz, dirigindo-se ao acusador:

— V. ex.ª deseja replicar ao discurso do sr. defensor?

O acusador, erguendo-se:

— Pouco tenho que replicar, sr. juiz. Retiro toda a minha acusação feita contra o réu, por acreditar piamente na sua innocencia.

Pasmado da assistencia. No meio do maior silencio, o acusador continua:

— Este homem que hoje se apresenta aqui, ao pretorio, é extremamente pobre, e se tal não fôsse verdade, meu pai não teria chorado ao terminar as suas alegações, pois ficaram todos sabendo que meu pai não chora nunca por menos de 40 contos...

## Sories grandes ?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



— De quem são esses petizes tão negros?  
— Ora de quem não-do ser! São filhos da Clara.

# O corte de cabelo DESPORTOS

D. Leopoldina Jeromenho, a linda e conceituada esposa do honrado comerciante Gaspar Jeromenho, tinha um vício terrível. Era ela sempre quem queria cortar o cabelo ao marido, e o marido, para a não contrariar, deixava sempre que ela lho cortasse. D. Leopoldina cortava-lhe sempre o cabelo e de um modo absolutamente diverso daquele que é costume vêr-se cortado em qualquer pessoa.

Foi graças a este vício da D. Leopoldina que o Gaspar descobriu que era atraído por sua Excelentíssima Esposa. Mas, para cumulo do azar, os quatro melhores amigos do Gaspar eram justamente aqueles que apareciam com o cabelo cortado pela maneira pessoal e inconfundível da D. Leopoldina.

Como é de calcular, o pobre Gaspar vivia triste por isso, mas, como era um homem sofrido, calava-se e ocultava a sua vergonha. Nunca conseguira reagir e por isso este estado de coisas prolongava-se sem solução para ambas as partes.

O Gaspar, no entanto, tinha ainda um amigo fiel, o seu dedicado Artur Severino. Este era, sem dúvida, de todos os amigos, o que mais convivia com o Gaspar e mesmo, até com a D. Leopoldina, mas o Gaspar continuava nele absolutamente porque lhe olhava para a cabeça e via-lhe sempre o cabelo cortado da maneira banal que todos nós usamos. O Gaspar ficava contentíssimo com aquilo e dedicava, na manhã e uma amizade grande ao Artur.

Mas, no entanto, não lhe eram estranhas as prodigalidades que a sua esposa dedicava ao Artur, que chegavam às vezes a certos excessos. Felizmente, porém, aquele cabelo tão vulgarmente cortado que ele via ao Artur desfazia-lhe todas as suspeitas; sim, porque ele sabia que sua esposa tinha aquele vício e homem que ela apanhasse era certo e sabido que tinha logo que levar a tesourada no cabelo.

Mas o Gaspar quiz desfazer ainda a pequenina dúvida que lhe avassalava o espírito e perguntou-lhe:

— O Artur, a que barbeiro vais tu, que tem o cabelo cortado de uma maneira tão interessante?

— Porque perguntas isso, Gaspar?

— É porque gosto desse corte de cabelo, que é sem dúvida mais interessante que o meu, que minha mulher e costume cortar.

— Ah! Mas eu não corto o cabelo, e se o cortasse era assim que o usava, como tu!

— A dúvida do Gaspar avolumava-se.

— Porque dizes tu que, se o cortasses, usavas o cabelo como eu?

— É porque eu, meu bom Gaspar, não corto o cabelo porque sou calvo e uso capachinho.

Os desafios de foot-ball entre solteiros e casados constituem uma especie de encontros que já esteve muito em voga e que parece querer renascer.

Houve mesmo uma certa altura em que não se passava um domingo sem que os jornais nos informassem — que boa informação desportiva! — da realização de dois ou três acontecimentos deste genero.

Não ha duas opiniões sobre o assunto.

Os encontros entre solteiros e casados fizeram escola. Era a paixão do sport a falar. Era a paixão da bola.

Todos, velhos e novos, solteiros e casados, pretendiam e pelos vistos pretendem ainda conhecer qual a sua vocação para um desporto tão popular e tão querido. E tanto os solteiros como os casados se acham aptos a ser promovidos a jogadores de classe. Mesmo aqueles que nunca puseram o pé numa bola.

Diga-se contudo, em abono da verdade, que essas manifestações desportivas terminam sempre no *restaurant* mais proximo ou na taberna mais chegada, conforme a condição social destes solteiros e casados que, para se divertirem, se lembram de dar pontapé numa bola.

\* \* \*

Julgávamos que a balda destes jogos já tinha passado, mas parece que nos enganamos, a avaliar pela seguinte noticia, inserta ha dias no *Seculo*:

**ODIVELAS.** — Reatou-se, no dia 2 de Loures, um encontro de «foot-ball» entre casados e solteiros de Odivelas, tendo o grupo daquelles feito um excelente jogo, apesar da falta dos seus melhores elementos. Houve muito entusiasmo de parte a parte, terminando o jogo com a victoria dos solteiros por 3 a 1.

Evidentemente que não pode-

mos deixar de gostar desta manifestação desportiva. Que os casados de Odivelas se lembrem de jogar com os seus conterraneos solteiros, parece-nos ser assunto que não pode trazer mal algum ao mundo.

É pontapé a mais ou a menos numa bola. E na vida dá-se, de quando em quando, cada pontapé...

Ficamos sabendo pela citada e memoravel noticia que o grupo dos casados realizou um jogo estupendo, mas que apesar disso perdeu.

Como não teriam jogado os solteiros! Mas não espanta nada que assim acontecesse. Os casados, com mais experiencia da vida e com um penetrante golpe de vista, certamente que haviam de usar uma melhor tactica para acertar na bolinha.

E, enquanto o fisico não os atraçou, portaram-se bem.

Mas é tambem natural que os solteiros, ainda que com menos experiencia e menos saber, sejam pessoas de melhor e mais vigoroso tolego e, assim, não se deixem ir abaixo com duas cantigas.

Portanto, depois de porfiada luta — o caso foi sério, oh, se foi! — conseguiram dominar o grupo dos maritalmente unidos.

Sem favor, uma coisa tambem havemos de reconhecer: — ter sido a escolha do local do encontro muito acertada.

Loures é terra de afamados *restaurants*, possuidores duma pinga ainda mais afamada e muito bem apaladada.

Depois das canceiras do jogo, que foi uma luta atroz, cruel, quasi sanguinaria, o ducho refrigerante aconselhado por Baccho.

Está certo. E mais uma vez se confirma a doutrina estabelecida para estes memoraveis encontros.

O fim dos desafios entre a classe dos solteiros e a dos casados não passa duma boa *almocorada*, regada com o saboroso sumo da uva!

JONICA.

# Cacharollete

Pelas ruas do Chiado vai uma grande «chuada»: tangos, musica sagrada, valsas e «zapateado»...

E dão-nos cabo das «bolas», com seus ruidos infernais, de corda, bombo e metais, umas trinta grafonolas!

Ontem, quando ia a passar na arteria mais elegante, uma dama insinuante exclamou para o seu par:

— «O tal *schotiss* que eu te disse que queria comprar é este...»  
— «*Schotiss*, foi o que disseste? Isto é mas é uma *chaticce*!»

O HOMEM DOS TIMBALES,

É uma fita interessante Os soldados a jogar. São tropas? Quem o garante? Mas é melhor não falar...

O Porto venceu Lisboa. Deixá-lo, foi um azar. Ha muito balão que voa Mas depois tem de aterrar.

Por mais esforços que faça, Faz-me sempre confusão Ver uma modesta praça Transformada em *capitão*.

Mas pra ser mais militar Este jogo de soldados. Gostava de os ver jogar No campo todos fardados.

O Acacio deanteiro Foi o unico a marcar Pudera! Se é artilheiro Não havia de atirar?!

E ha um supradito cujo Cipriano a mergulhar. Que admira? Foi marujo. Decerto sabe nadar.

Soldados que na espingarda Ha muito não metem balas. São tipos da velha guarda A presumir aos magalos.

É uma fita interessante Os soldados a jogar. São tropas? Quem o garante? Mas é melhor não falar...

ZE MARIA.

## Profissionais da Imprensa

Do Sindicato dos Profissionais da Imprensa recebemos uma carta muito amavel para o nosso jornal e para Francisco Valença, agradecendo a homenagem que no ultimo numero prestamos á valiosa instituição.

Não ha de quê. E o mesmo, pelo que diz respeito á Caixa de Previdencia.

## ROSAS

Moreira da Silva vai dar-nos mais uma das suas magnificas exposições. Desta vez é de rosas, daquellas lindas rosas que a magica varinha de condão de Moreira da Silva é capaz de fazer florir até dentro de casa, num *stand* de automoveis ou num canto da carvoeira de cada um. O caso é que eie lhe toque.

Não serão rosas de todo o ano, mas são rosas de todos os anos.

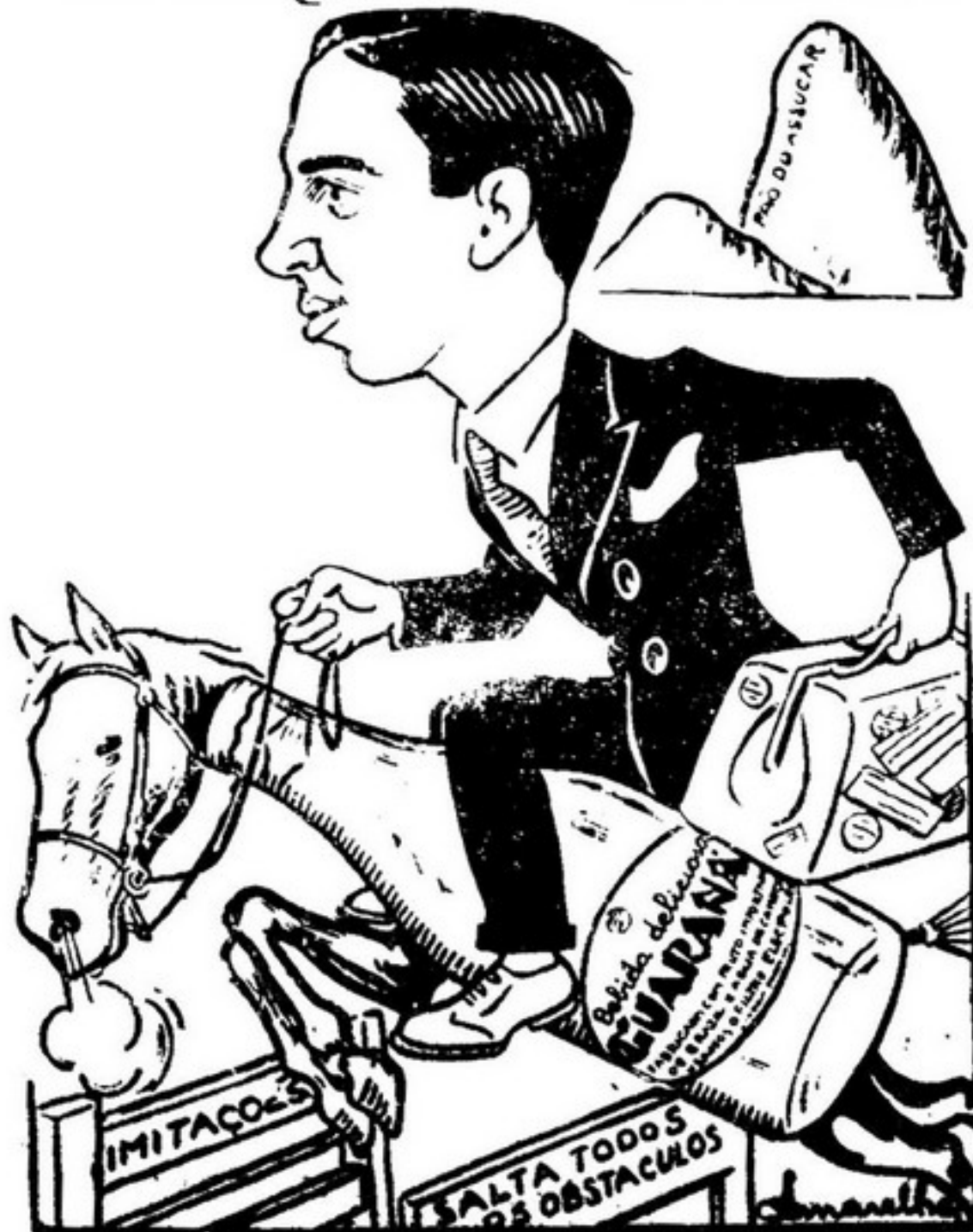
Sob o seu influxo tudo dá fiôr. Nada nos admira que daquí a pouco até a silva do seu apelido comee tambem a florescer e a dar amores.

## Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

## Rodrigo de Freitas



Depois de bastantes viagens apresenta-nos este nosso amigo o «Vencedor Guarana», delicioso refrigerante que não teme a concorrência.

INAÇÃO DA PURIFICAÇÃO  
BARBEIENSE COM LAMINAS



se mais fina tempeira

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes

## PAGINA INFANTIL

# AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS POR STVAR

Primeiro Episodio da Primeira Parte



I — O Manecas e o Quim, com objetivos misteriosos, partem para Portugal, no seu auto-toguete-giro...

II — O «Nariz de Folha» e o «Braço de Prata» julgam que eles vêm num comboio, e tentam descarrilá-lo.

III — Felizmente, nem o comboio descarrilou, nem eles lá vinham dentro. Em face disto, os bandidos fogem..



IV — A' chegada, o Quim e o Manecas vão abraçar a tia Leocadia que já não tinham o gosto de vêr ha muitos anos...

V — «Ferra-o-Bico», descobrindo-os a falar com a tia, ataca-os com a sua pistola de gazes de feijão...

VI — Manecas defende-se com a sua pistola de gazes de grão de bico concentrado a dois por mil..



VII — Julgando que o «Ferra-o-Bico» estava morto, resolvem transportá-lo para o Necroterio...

VIII — Mas o bandido estava simplesmente desmaiado, e, durante o trajecto, vai pensando na maneira de fugir...

IX — E foge, levando o Quim e atirando o Manecas para o cano de esgoto...  
(Segue no proximo numero)

# OS DAS SEMANA

A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO COLONIAL À LA MINUTE

AGORA OS CAPACETES SÃO ÀS RISCAS PARA AGRADAREM A PRETOS E BRANCOS

SÓ FALTA "CASTRAR" O PROXIMO PARA FAZER RECLAMO.

UM "GARGON", NOIR COM CAFE "NOIR"

+ VERDADE O RESTO É PALA.

SÃO AS COLUNAS QUE DÃO A NOTA "COLU...NIAL"

O CHÃO TAMBÉM É COLONIAL

É UMA VERDADEIRA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE TELHADOS

UM GÊNERO DE MULHER DAS MAISTAPADAS DO MUNDO

OS FOSOS E AS FUSAS DOS BICHOS

ESTA MUSICA ATE FAZ REVI-RAR OS OLHOS COM SONO.

PARIS

MAIO

XXI

